

Américo Junior Nunes da Silva
(Organizador)

A educação enquanto fenômeno social:

Aspectos pedagógicos
e socioculturais



Américo Junior Nunes da Silva
(Organizador)

A educação enquanto fenômeno social:

Aspectos pedagógicos
e socioculturais



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^o Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^o Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^o Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^o Dr^a Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^o Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^o Dr^a Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^o Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^o Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^o Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^o Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^o Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



A educação enquanto fenômeno social: aspectos pedagógicos e socioculturais

Diagramação: Camila Alves de Cremona
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Américo Junior Nunes da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 A educação enquanto fenômeno social: aspectos pedagógicos e socioculturais / Organizador Américo Junior Nunes da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0087-5

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.875221205>

1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da (Organizador). II. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Diante do atual cenário educacional brasileiro, resultado de constantes ataques deferidos ao longo da história, faz-se pertinente colocar no centro da discussão as diferentes questões educacionais, valorizando formas particulares de fazer ciência e buscando superar problemas estruturais, como a desigualdade social por exemplo. Direcionar e ampliar o olhar em busca de soluções para os inúmeros problemas postos pela contemporaneidade é um desafio, aceito por muitos professores/as pesquisadores/as.

A área de Humanas e, sobretudo, a Educação, vem sofrendo de trato constante nos últimos anos, principalmente no que tange ao valorizar a sua produção científica. O cenário político de descuido e de trato com as questões educacionais, vivenciado recentemente e agravado com a pandemia, nos alerta para a necessidade de criação de espaços de resistência. Este livro, intitulado “**A Educação enquanto fenômeno social: Aspectos pedagógicos e socioculturais**”, da forma como se organiza, é um desses lugares: permite-se ouvir, de diferentes formas, os diferentes sujeitos que fazem parte dos movimentos educacionais.

É importante que as inúmeras problemáticas que circunscrevem a Educação, historicamente, sejam postas e discutidas. Precisamos nos permitir ser ouvidos e a criação de canais de comunicação, como este livro, aproxima a comunidade das diversas ações que são vivenciadas no interior da escola e da universidade. Portanto, os inúmeros capítulos que compõem este livro tornam-se um espaço oportuno de discussão e (re)pensar do campo educacional, considerando os diversos elementos e fatores que o intercrossa.

Neste livro, portanto, reúnem-se trabalhos de pesquisa e experiências em diversos espaços, com o intuito de promover um amplo debate acerca das diversas problemáticas que permeiam o contexto educacional, tendo a Educação enquanto fenômeno social importante para o fortalecimento da democracia e superação das desigualdades sociais.

Os/As autores/as que constroem essa obra são estudantes, professores/as pesquisadores/as, especialistas, mestres/as ou doutores/as e que, muitos/as, partindo de sua práxis, buscam novos olhares a problemáticas cotidianas que os mobilizam. Esse movimento de socializar uma pesquisa ou experiência cria um movimento pendular que, pela mobilização dos/as autores/as e discussões por eles/as empreendidas, mobilizam-se também os/as leitores/as e os/as incentivam a reinventarem os seus fazeres pedagógicos e, conseqüentemente, a educação brasileira. Nessa direção, portanto, desejamos a todos e a todas uma provocativa leitura!

Américo Junior Nunes da Silva


SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

AMULHER DOCENTE E SUA CARREIRA PROFISSIONAL NO BRASIL: UMA TRAJETÓRIA MARCADA POR DESIGUALDADES?

Railene Oliveira Borges


Geilson Batista Matias

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8752212051>

CAPÍTULO 2..... 16

LA MINKA, UNA ESTRATEGIA DIDÁCTICA EN ESCUELAS INDÍGENAS: CASO DE LOS SALASAKAS

Carlos Paucar Pomboza


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8752212052>

CAPÍTULO 3..... 25

O DOCENTE PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM: DESAFIOS DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO TÉCNICO EM SAÚDE

Allana Resende Pimentel Calaça

Cristina Massot Madeira Coelho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8752212053>

CAPÍTULO 4..... 41

DESEMPAREDAMENTO DA ESCOLA: UM PERCURSO DO SISTEMA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE JUNDIAÍ


Vastí Ferrari Marques

Cícera Aparecida Escoura Bueno

Cleane Aparecida dos Santos

Eliane Reame da Silva

Marjorie Samira Ferreira Bolognani

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8752212054>

CAPÍTULO 5..... 49


O ENSINO DA MATEMÁTICA NO PRIMEIRO ANO DO ENSINO BÁSICO NO SISTEMA EDUCATIVO ADVENTISTA: UMA ANÁLISE PARA A SUA CONCEPTUALIZAÇÃO

Edelmid Mendoza López

Diana Carolina Duarte Acevedo

Luis Fernando Garcés Giraldo

David Alberto García Arango

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8752212055>

CAPÍTULO 6..... 66

JOGOS DE ENCAIXE NA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO DE GEOMETRIA: CMEI LIANE QUINTA – PRESIDENTE KENNEDY/ES

Marinete Cordeiro Francisco

Jocitiel Dias da Silva

CAPÍTULO 2

LA MINKA, UNA ESTRATEGIA DIDÁCTICA EN ESCUELAS INDÍGENAS: CASO DE LOS SALASAKAS

Data de aceite: 02/05/2022

Data de submissão: 22/04/2022

Carlos Paucar Pomboza

Universidad Nacional de Educación
Azogues-Ecuador

RESUMEN: En presente trabajo corresponde a la ponencia presentada en el II Congreso Internacional Innovación Educativa de la Red INDTEC capítulo Ecuador y expone las experiencias de la *minka* pedagógica desarrollada en la Unidad Educativa Intercultural Bilingüe “Manzanapamba” y las escuelas indígenas adjuntas al pueblo Salasaka, provincia de Tungurahua, Ecuador. El propósito es mostrar las voces de algunos profesores sobre su experiencia innovadora de trabajo colaborativo que ha surgido desde el enfoque de trabajo comunitario, la *minka*, una antigua forma de trabajo colectivo que sigue vigente en las comunidades andinas para desarrollar grandes obras como apertura de carreteras, construcción y mantenimiento de canales de riego, actividades agrícolas comunitarias. En este caso actividades pedagógicas. Se realizaron entrevistas semiestructuradas y se utilizó los reportes de las autoridades respecto a las prácticas preprofesionales realizadas por los estudiantes de la Universidad Nacional de Educación en el año 2020. Los resultados indican ciertos grados de fortalecimiento del trabajo colaborativo en la producción de guías de aprendizaje autónomo,

desarrollo de las competencias metodológicas y tecnológicas en la producción de materiales educativos para la educación a distancia y virtual. Sin embargo, la *minka* pedagógica encuentra dificultades por el desconocimiento del idioma indígena y el proceso metodológico de educación intercultural bilingüe por parte de profesores mestizos.

PALABRAS CLAVE: *Minka*, guías de interaprendizaje, educación bilingüe, trabajo colaborativo.

THE MINKA, A DIDACTIC STRATEGY IN INDIGENOUS SCHOOLS: CASE OF THE SALASAKAS

ABSTRACT: This paper corresponds to the paper presented at the II International Conference on Educational Innovation of the INDTEC Network Ecuador chapter and exposes the experiences of the pedagogical *minka* developed in the Bilingual Intercultural Educational Unit “Manzanapamba” and the indigenous schools attached to the Salasaka people, province of Tungurahua, Ecuador. The purpose is to show the voices of some teachers about their innovative experience of collaborative work that has emerged from the community work approach, the *minka*, an ancient form of collective work that is still in force in Andean communities to develop great works such as opening roads, construction and maintenance of irrigation canals, community agricultural activities. In this case educational activities. Semi-structured interviews were carried out and the reports of the authorities were used regarding the pre-professional practices carried out by the students of the National University of Education in

the year 2020. The results indicate certain degrees of strengthening of collaborative work in the production of autonomous learning guides, development of methodological and technological skills in the production of educational materials for distance and virtual education. However, the pedagogical minka encounters difficulties due to the lack of knowledge of the indigenous language and the methodological process of bilingual intercultural education by mestizo teachers.

KEYWORDS: Minka, mutual learning guides, bilingual education, collaborative work.

1 | INTRODUCCIÓN

En presente trabajo surge a partir de experiencias de docentes indígenas de la Unidad Educativa Intercultural Bilingüe Manzanapamba y comunidades circundantes ubicada en la comunidad Manzanapamba Chico de la parroquia Salasaca, cantón Pelileo, provincia de Tungurahua en la región Sierra Centro de Ecuador. A partir del cambio de modalidad de clases presenciales a la virtualidad por efectos de la pandemia generada por el COVID 19, los docentes se vieron en la necesidad de reorganizar su modelo de gestión escolar de aula. Por otro lado, las limitaciones de conectividad en poblaciones indígenas fue otro factor que incidió en la búsqueda de alternativas de trabajo comunitario para enfrentar este nuevo contexto. La opción: fortalecer la aplicación de las guías de interaprendizaje.

Un primer problema sobre el que los docentes reflexionaron fue sobre su trabajo en escuelas unidocente, bidocentes y pluridocentes, lo que implicaba un mayor esfuerzo para elaborar las guías de interaprendizaje, a eso se sumó el escaso conocimiento en la metodología de la elaboración de las guías por parte de la mayoría de los docentes y finalmente la presencia de docentes mestizos que no dominan el idioma kichwa y los contextos culturales y lingüísticos de las comunidades donde laboran.

En este contexto, fue complejo el diseño, aplicación y evaluación de las guías de interaprendizaje para la formación de niños, niñas y jóvenes indígenas en contexto de la pandemia. La respuesta fue desarrollar una minka o minga para de manera colaborativa y bajo los principios de trabajo comunitario vigente en los pueblos indígenas se prepare y aplique este recurso y estrategia didáctica en las escuelas indígenas.

En las siguientes páginas se expone la experiencia de esta estrategia de trabajo comunitario que han desarrollado los docentes indígenas y que permitió fortalecer el trabajo colaborativo y mejorar el proceso de enseñanza y aprendizaje en el contexto de la pandemia.

2 | FUNDAMENTACIÓN TEÓRICA

La minka como estrategia de trabajo colaborativo en comunidades indígenas

En las civilizaciones andinas los grandes centros ceremoniales, edificios principales, canales de riego, puentes, carreteras, fueron construidos mediante trabajos colectivos, es

decir a través de la *minka*, que junto con el *ayni* son formas autóctonas de trabajo comunal propia del ande, desde el período Arcaico Tardío y Formativo, entre 3200 y 1800 a.C, según lo sostienen Altamirano y Bueno (2011).

La *minka* como parte de los procesos de fortalecimiento o de recuperación de la identidad cultural como lo señala López (2018), ha sido reivindicada por el movimiento indígena y también por otros colectivos y movimientos sociales. Para las comunidades andinas, la *minka* o minga como se denomina representa el significado de trabajo solidario en comunidad que se caracteriza por ser dinámico, vivencial ajeno a las particularidades capitalistas.

A decir de López (2018), “la *minka* trasciende ese significado para ser representado como una forma de movilización social y acción política”. La *minka* no es solamente un espacio y un tiempo para el trabajo solidario y colaborativo, son entornos de encuentro donde se definen las identidades, pero también donde se resuelven los antagonismos como lo señala Rojas (2003).

En esta misma línea de pensamiento Molina y Rosero (citado en Rojas, 2003, p.4) concluyen que la *minka* “traza entre sus practicantes un nosotros temporal histórico de donde surge el desprendimiento de las necesidades de lo privado para priorizar valores desde lo público, como la justicia y la solidaridad”.

Finalmente, la minga se mantiene como una práctica ancestral panandina de trabajo comunitario, pero que a su vez se convierte en el lenguaje del futuro como fenómeno de movilización social y resistencia política, como en el caso ecuatoriano con las luchas y resistencias del movimiento indígena. En este contexto se ha planteado acciones colectivas denominadas como: La *minka* por el agua, la *minka* por la vida, caminamos en *minka*, la *minka* por la educación.

El sistema de conocimientos del Modelo del Sistema de Educación Intercultural Bilingüe

El Sistema de Educación Intercultural Bilingüe en el Ecuador fue oficializado en 1988 como respuesta a las luchas y exigencias del movimiento indígena para tener una educación propia acorde a las particularidades culturales y lingüísticas de los pueblos y nacionalidades originarias. La puesta en marcha de este proyecto político y pedagógico requirió de una metodología que instrumentalice sus fines y objetivos. Con este propósito se diseña el Modelo del Sistema de Educación Intercultural Bilingüe (MOSEIB) y su respectiva metodología que comprende cuatro fases:

- a. Dominio del conocimiento.
- b. Aplicación de conocimiento.
- c. Creación del conocimiento
- d. Socialización del conocimiento

Este modelo elimina los mecanismos de dictado, copia, repetición memorística, busca desarrollar la capacidad de atención, retención, imaginación y creación.

Las guías de interaprendizaje

Respecto al currículo de educación indígena, la Secretaría de Educación Intercultural Bilingüe define como una herramienta curricular que fomentan el desarrollo de la interculturalidad en los procesos de enseñanza-aprendizaje y se caracteriza por su flexibilidad y pueden nutrirse de propuestas innovadoras para el mejoramiento de la calidad de la educación, de acuerdo con las especificidades culturales y particularidades territoriales. Los currículos del Sistema de Educación Intercultural Bilingüe logran la especificidad, precisamente, a partir de la incorporación de los conocimientos propios, la lengua ancestral y, en general, la riqueza cultural de los pueblos y nacionalidades de nuestro país, como lo establece el Ministerio de Educación a través de la Subsecretaría de Educación Intercultural Bilingüe (2017).

Las guías de interaprendizaje son instrumentos metodológicos que permiten la concreción microcurricular del Modelo del Sistema de Educación Intercultural Bilingüe. En palabras de Ponce (1994) el microdiseño curricular articula de manera directa la acción, ejecución y operación del proceso educativo. En el caso de las guías de interaprendizaje parte del currículo de educación intercultural bilingüe y busca elementos curriculares más concretos para efectivizar con éxito la gestión del interaprendizaje.

Para la Secretaría del Sistema de Educación Intercultural Bilingüe (SESEIB), la guía de interaprendizaje es “un instrumento curricular diseñado por el docente a través de la utilización de la metodología del sistema de conocimientos, de una serie de recursos y estrategias y de manera secuencial y cuidadosamente dosificado” (Ministerio de Educación, 2019) que permite facilitar el proceso de interaprendizaje en base a las innovaciones pedagógicas del MOSEIB. En este instrumento los docentes redactan actividades generales para desarrollar los saberes, conocimientos y logros de dominio y debe ser elaborada de manera obligatoria en lengua de la nacionalidad, excepto en casos de poblaciones indígenas cuya lengua materna sea el castellano, lo la enseñanza de la asignatura de la lengua castellana o el desarrollo de conocimientos de otras culturas. En caso de ser necesario, se recomienda utilizar las lenguas (originaria y castellano) de forma alternada.

Las guías de interaprendizaje de acuerdo a las SESEIB, invitan a la participación activa de los estudiantes, padres de familia, de manera conjunta y con el apoyo de los recursos y materiales didácticos del entorno, fomentando en el estudiante actitud investigativa, creativa, crítica, reflexiva, propositiva y fomenta la lectura comprensiva y crítica.

La oferta del Sistema de Educación Intercultural Bilingüe (SEIB) en el Ecuador está estructurado por procesos educativos que equiparan a la forma tradicional del sistema

educativo nacional ecuatoriano basado en grados de Educación General Básica. El proceso inicia desde la Educación Infantil Familiar Comunitaria que atiende a niños y niñas desde el proceso de gestación hasta los cinco años de edad; hasta el bachillerato.

Según la SESEIB (2013), todo este proceso formativo se basa en las guías de interaprendizaje que es elaborado por el docente y se fundamenta en los siguientes Armonizadores de saberes:

- Pachamama. Vida, Tierra y Territorio.
- Ayllullaktapa kawsay. Vida Familiar, Comunitaria y Social.
- Kawsay yuyay. Cosmovisión y Pensamiento.
- Amawtay, pakchiy mirachiy yuyay. Ciencia, Tecnología y Producción.

3 | MÉTODO

Como parte del trabajo investigativo, fueron analizados textos de diferentes autores que proponen análisis sobre aspectos claves como la minka, el trabajo colaborativo y el currículo de educación intercultural bilingüe. Los textos se analizan a la luz del trabajo de campo que tuvo lugar con la entrevista a docentes y directivos de la Unidad Educativa Intercultural Bilingüe Manzanapamba. También fue un apoyo los registros de las prácticas preprofesionales que se desarrolló entre los meses de abril-junio y octubre-diciembre de 2020 y las reuniones periódicas con los directivos de la institución educativa. Por otra parte, fueron analizadas las guías didácticas que de manera colaborativa han trabajado el grupo de docentes responsable de segundo, tercero y cuarto grado de educación general básica intercultural bilingüe de las instituciones educativas que participaron en esta experiencia.

4 | RESULTADOS

Para responder a la propuesta curricular del Sistema de Educación Intercultural Bilingüe se aplica la metodología del sistema de conocimiento que otorga el valor a los conocimientos previos que traen los niños de su familia y comunidad, los mismos que permiten el acceso a nuevos conocimientos. Bajo esta perspectiva los docentes de cada año o proceso educativo desarrollan las guías de interaprendizaje que es la concreción microcurricular en las aulas.

La decisión de elaboración de las guías didácticas surge a partir de las dificultades de los docentes de atender a los requerimientos de aprendizaje y sobre todo como una estrategia de pervivencia de la EIB ante la presión de la educación mestiza quienes consideran que han sido “históricamente” los llamados a implementar el sistema educativo en el país (González, 2011), como lo atestigua el directivo de la institución:

“Tuvimos que actuar de manera rápida, porque como estamos ante la mirada

de los mestizos, piensan que son solo bilingües no más y nos siguen mirando como inferiores, esto nos motivó a organizar equipos de trabajo para hacer las guías en minga como se trabaja en las comunidades” (Entrevista 1, 2021)

En tiempos de la presencialidad, los docentes de EIB han tenido dificultades de desarrollar estas guías, de acuerdo a los testimonios de docentes de prácticas preprofesionales. Según sus criterios, esto se debía a “la poca asesoría técnica por parte de los funcionarios de los distritos educativos” (Entrevista 1, 2021). Ahora con la emergencia sanitaria y el cambio de modalidad de la enseñanza la situación se ha vuelto compleja como lo atestigua una docente: “si antes que trabajamos en la presencialidad no podíamos realizar adecuadamente las guías, peor ahora en la virtualidad” (Entrevista 5, 2021), a ello se suma las limitaciones en el manejo de la tecnología, de la Internet, según la apreciación de una autoridad de la institución educativa:

“Cuando inició la pandemia, nos enviaban los enlaces para las reuniones virtuales, yo siendo la primera autoridad de la unidad educativa no sabía qué hacer, me ponía nervioso, me olvidaba lo que debía decir a mis compañeros, fue muy duro para nosotros los indígenas” (Entrevista 1, 2021).

La producción de guías de interaprendizaje que originalmente establece el currículo del SEIB tuvo que modificarse en su enfoque.

“En la presencialidad elaborábamos las guías de interaprendizaje porque nosotros los docentes mediábamos en la construcción del conocimiento; ahora, los estudiantes tienen que hacerlo solos, por eso trabajamos como guías de autoaprendizaje, eso implica ser bien concretos en el diseño de todas las fases del sistema de conocimiento, para que los estudiantes no tengan dificultades de realizar el trabajo por su propia iniciativa” (Entrevista 5, 2021).

El cambio de enfoque también fue necesario considerando que, en las comunidades indígenas, muchos padres de familia tienen una baja instrucción formal, muchos de los niños viven con sus abuelos que son analfabetos.

Las guías de aprendizaje fueron elaboradas de manera sistémica aplicando las cuatro fases del sistema de conocimiento del Modelo del Sistema de Educación Intercultural Bilingüe: dominio del conocimiento, aplicación, creación y socialización de conocimiento. Además, están en relación directa con los armonizadores de saberes: Vida, tierra y territorio; Vida familiar, comunitaria y social; Cosmovisión y Pensamiento; y Ciencia, tecnología y producción.

Las condiciones para la aplicación de las guías cambiaron radicalmente por efectos de la pandemia. Implicó multiplicar esfuerzos para desarrollar las guías de autoaprendizaje y más aún para educadores de escuelas uni o pluridocentes, que deben realizar guías para cada grado, esto se suma la pérdida de sus familiares por el COVID, complicándose notablemente la situación como lo afirma una educadora:

“Perdí a mi esposo, manejaba lo básico de la computadora, tengo a mi cargo

siete grados, porque la escuela es unidocente, de los 27 niños, apenas 4 tienen internet. En estas condiciones sentí que perdía la razón, entonces decidí aplicar la *minka* como estrategia de trabajo, esto me ayudó a salir adelante tanto en el trabajo como con mi familia” (Entrevista 5, 2021).

La *minka* como espacio de ayuda mutua se convirtió en una experiencia de trabajo colaborativo, porque permite un aprendizaje colectivo, en este caso se convirtió en una de las principales estrategias organizacionales y curriculares utilizadas para el aprendizaje desde un enfoque inclusivo.

Las guías de autoaprendizaje son elaboradas según son delegadas a cada docente, una vez que han concluido se socializa a través de reuniones virtuales que se realizan cada semana. Con esta guía genérica, cada docente se encarga de adaptar a las particularidades culturales de su comunidad. El trabajo en *minka* ha ayudado a estandarizar la elaboración de las guías:

“Antes cada una hacíamos las guías a nuestra manera, pero ahora ya tenemos bien definida la estructura. Esta experiencia nos ha permitido ser más flexibles entre nosotros y también ser más tolerantes ante las observaciones o críticas que se generan en los trabajos colaborativos” (Entrevista 3, 2021).

En esta experiencia se evidencia que la *minka* es un espacio donde se crea y fortalece las identidades, así como también se resuelven los conflictos y tensiones.

Sin embargo, la elaboración de las guías no fue una tarea fácil, como lo señalan algunos docentes:

“Yo tuve muchos problemas, porque al inicio de mi carrera trabajé en educación bilingüe y tuve un poco de experiencia, pero luego me cambiaron a escuelas hispanas ya no tuve práctica, me tomó todo de nuevo, ahora con la ayuda de mis compañeras he retomado el procedimiento de elaborar las guías y ya estoy colaborando en la *minka*, porque cuando estamos en la *minka* todos debemos aportar, así es en la comunidad” (Entrevista 7, 2021).

El desconocimiento del idioma ha sido otra limitante que provienen del sector mestizo:

“Yo no hablo kichwa y me hace muy difícil ayudar con la elaboración de las guías de educación bilingüe, me han dicho que tome cursos, que aprenda el idioma, pero eso lleva tiempo y con tantas actividades administrativas y pedagógicas que debemos cumplir no se puede”.

Otro de los problemas es la identificación de contenidos científicos, así lo señala una docente:

“Para mí lo más difícil es la selección de contenidos científicos que estén acordes con los armonizadores de saberes que dice la educación bilingüe, porque eso no hay en los libros, hay que consultar con los sabios, amawtas yachac de las comunidades” (Entrevista 8, 2021)

5 I A MANERA DE REFLEXIONES FINALES

- Se han mejorado la relación personales y profesionales entre docentes de las diferentes instituciones educativas.
- Desarrollar de competencias digitales en el diseño y diagramación de las guías.
- Fortalecimiento de las capacidades investigativas para construir conocimiento desde los contextos territoriales, vinculando la participación de los sabios de las comunidades.
- Desarrollo de competencias metodológicas en el diseño de guías de aprendizaje autónomo para diversos contextos culturales y lingüísticos.
- Fortalecimiento de la comunidad virtual de aprendizaje.
- Construcción de una identidad colectiva en el diseño y aplicación de recursos educativos para contextos interculturales bilingües.

REFERENCIAS

Altamirano, A. y Bueno, A. (2011). **El ayni y la minka: dos formas colectivas de trabajo de las sociedades pre-Chavín**. *Investigaciones Sociales*. 15 (27), 43-75.

González, M.I. (2011). **Movimiento indígena y educación intercultural en Ecuador**. CLACSO. Buenos Aires.

López Cortes, O. A. (2018). **Significados y representaciones de la minga para el pueblo indígena Pastosde Colombia**. *Psicoperspectivas*, 17(3), 1-13.

Ministerio de Educación (2019). **Orientaciones Pedagógicas para fortalecer la implementación del MOSEIB**. Quito, Ecuador.

Ponce Ortiz, F. (1994). **Curriculum. Principales elementos teóricos. Orientación para docentes y alumnos maestros**. Guayaquil: UG.

Rojas, C. (2003). **Género, identidad y conflicto en Colombia**. *Revista Venezolana de Economía y Ciencias Sociales*. Vol.9, No. 2, pp. 65-89.

Secretaría del Sistema de Educación Intercultural Bilingüe (2013). **Modelo del Sistema de Educación Intercultural Bilingüe -MOSEIB**. Quito, Ecuador.

Seto. J. (2016). **El cambio recíproco entre los aymaras**. *Ciencia y Cultura* (3)7. Pp, 79-104.

Entrevistas/testimonios

1. Lic. Manuel Jiménez, director de la UEIB “Manzanapamba” (03-03-2021)

2. Lic. Orlando Lara, docente de la UEIB “Manzanapamba” (08-03-2021)

3. Lic. Samuel Chuqui docente de la UEIB “Manzanapamba” (08-03-2021)
4. Lic. Olga Masaquiza, docente de la UEIB “Manzanapa” (15-03-2021)
5. Lic. Martha Masaquiza, docente del CECIB “Inti Ñan” (19-03-2021)
6. Lic. Flor Cucuri, docente de la UEIB “Manzanapamba” (15-03-2021)
7. Lic. Patricia Maribel Muñoz docente del CEICB “Dr. Pío Jaramillo Alvarado” (24-03-2021)